



Apresentação ***Seção Memórias de Pesquisa***

Edson Farias¹

¹ Pesquisador do CNPq. Professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Sociedade e Linguagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Líder do grupo de pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento (CMD/UnB).

Os três artigos que compõem a seção “memórias de pesquisa” neste número da Arquivos CMD foram elaborados, a princípio, como trabalhos de conclusão da disciplina Tópicos Especiais: Poder Simbólico na Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu, que ofereci no curso de graduação em Ciências Sociais, da Universidade de Brasília, no segundo semestre de 2013.

A disciplina focou a obra de Pierre Bourdieu a partir do seu projeto de uma sociologia reflexiva. Assim, os propósitos se voltaram à maneira como está presente no seu discurso o triângulo composto pelos problemas em torno da compreensibilidade, do simbólico e das relações de poder. Dois aspectos foram priorizados no trabalho do autor. De um lado, a questão do aprendizado quando referida ao tema do saber pelo corpo, no escopo da proposta da teoria das disposições.

De outro, quando está em pauta a conceituação dos espaços de possíveis dos mundos sociais, o tratamento sociológico dispensado à dimensão da dominação simbólica na agenda de um capitalismo renovado pela abrangência adquirida pela educação formal e pelo consumo de bens simbólicos.

Contudo, a atenção dispensada aos livros *A Profissão do Sociólogo* e *Esboço de uma Autoanálise* provocou, logo após as primeiras aulas, a alteração dos rumos da disciplina, isto, em relação ao projeto inicial. A correlação estabelecida entre o procedimento da reflexividade no tocante à posição do pesquisador no tramado mesmo da pesquisa e o tema do destino social deixou como rastro outro caminho. Mas apenas com as leituras do livro *O Senso Prático* e, sobretudo, das discussões delas decorrentes as novas finalidades que se impuseram adquiriram contornos mais nítidos. Isto em razão dos efeitos deixados pelo minucioso trajeto analítico e inter-



pretativo realizado por Bourdieu, na primeira parte da obra – intitulada de “Critica à Razão Teórica” –, quando reconstrói reflexivamente o percurso que o leva – o jovem de origem humilde na província francesa, com formação filosófica na célebre École Normale Supérieure, então recém-convertido a etnólogo sob a forte influência do modelo do estruturalismo levistraussiano – a refazer seus planos futuros, ingressando no campo sociológico. Condução sinuosa na qual, do exercício etnográfico numa Argélia convulsionada pela guerra de independência, ele galga o lugar de um dos expoentes da sociologia contemporânea. Doravante, em torno dos dilemas gerados pela noção de habitus – referente ao operador prático habilitado a gerar outras práticas – foram retomadas disjunções candentes que atravessam e, portanto, constituem a história sistemática do pensamento social: liberdade e determinação, acaso e processo, corpo e espírito, agência e estrutura, entre tantos outros.

Impregnados dessa atmosfera nos propusemos a assistir e comentar o filme *O Homem do Ano* – do diretor José Henrique Fonseca, lançado em 2005. A narrativa enfocando o período da vida do personagem Maicon (Murilo Benício) em que, de um a jovem anônimo morador de um município na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, ele se torna um matador profissional, encaixou-se como uma luva nos propósitos então redefinidos da disciplina. Afinal, perguntas suscitadas com o filme se conciliavam com aquelas sugeridas pela

leitura dos textos de Bourdieu: quando a vida de alguém passa a fazer sentido? Este sentido teria efeitos nos desdobramentos desta mesma vida? E, por outro lado, impactariam retrospectivamente o que lhe antecedeu?

Quando delineamos, portanto, os itens que deveriam ser observados na elaboração do trabalho final da disciplina, havia a meta de estabelecer o diálogo mutuamente reflexivo entre o filme e as leituras feitas ao longo do semestre. Porém, o exercício não deveria implicar na mera “sociologização” do filme na medida em que os textos sociológicos e as narrativas fílmicas consistem em bens simbólicos e isto quer dizer que um e outro são artefatos de linguagem capazes de significar a eles mesmos como também a outros bens. Característica esta que define a vocação para formar a compreensão em seus planos subjetivos e intersubjetivos. Se a tarefa estaria em provocar espécie de conversação entre as teorias internas a cada um dos polos, o objetivo seria apresentar os textos finais da disciplina tanto como um fator de mediação entre ambos quanto, principalmente, a concretização de uma compreensão com a potencialidade de sensibilizar outras compreensões e exultá-las ao empreendimento reflexivo.

Vejamos se esta potencialidade se confirma, agora, com a leitura dos três artigos que seguem.

Brasília, 30 de janeiro de 2014,